



CONGRESSO  
INTERNACIONAL

# MUNDOS INDÍGENAS, EUROPA - PORTUGAL

**Ciclos de água:  
história ambiental,  
usos e representações.**

## Caderno de Programação e Resumos

02-03 DEZEMBRO  
2024

AUDITÓRIO DO CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, PORTUGAL



Universidade Federal de Campina Grande  
Pós-Graduação em História  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



**V CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS INDÍGENAS – EUROPA:2024**  
Mundos Indígenas: "Ciclos de água, história ambiental: saberes, usos e representações"

**CADERNO DE RESUMOS**

**2 E 3 DE DEZEMBRO DE 2024**

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**V CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS INDÍGENAS:**

Caderno de Programação e de Resumos

Ciclos de água, história ambiental: saberes, usos e representações /Juciene Ricarte Cardoso,  
Jocyléia Santana e Ana Catarina Garcia ... (Orgs.). – Lisboa, Portugal, 2024.

1. Água. 2. História ambiental. 3. Saberes 4. Usos e representações.

**V CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS INDÍGENAS – PORTUGAL**  
Mundos Indígenas: "Ciclos de água, história ambiental: saberes, usos e representações"

**Local: Auditório B1 (Torre B). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. NOVA.**  
**Av. de Berna, 26C Lisboa – Portugal**

**02 e 03 DE DEZEMBRO DE 2024**

**INSTITUIÇÃO EXECUTORA EM PORTUGAL**

Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa

**INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS APOIADORAS**

Universidade Pablo de Olavide, Espanha

Université Sorbonne Nouvelle, França

Instituto de História, Academia Polonesa de Ciência, Polónia

Programa de Pós-Graduação em História, UFCG

Programa de Pós-Graduação em Educação, UFT, Brasil

**COORDENADORES DO V COIMI – 2024 – EUROPA –Portugal**

Coordenadora Geral do V COIMI Europa

Juciene Ricarte Cardoso Tarairiú, PPGH-UFCG, CHAM, UNL, Portugal

**COMISSÃO ORGANIZADORA**

Ana Catarina Garcia, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Pablo Ibáñez-Bonillo - CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Cristina Brito, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Agata Błoch, Instituto de História da Academia Polonesa de Ciências, Polónia

Angela Domingues, Universidade de Lisboa

Ana Catarina Garcia, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Brigitte Thiérion CREPAL – Universidade da Sorbonne, Paris – França

Carlos Benittes, Universidade de Salamanca, Espanha

Célia Tupinambá, Brasil

Cristina Brito, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Daniel Potiguara, PPGE-UFPB/OPIP, Brasil

Demival Vasques, Universidade de Luxemburgo Coordenador/Debatedor

João Paulo de Oliveira e Costa, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Jocyléia Santana dos Santos, Universidade Federal do Tocantins, Brasil

José Otavio de Aguiar, Programa de Pós-Graduação em História-PPGH, UFCG, Brasil

Maria Adelina Amorim, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Maria de Lourdes Beldi de Alcântara. Universidade de São Paulo, Brasil

Mariana Boscarior, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Naybe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú

Pablo Ibáñez-Bonillo - CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Pascale De Robert, (Institut de Recherche pour le Développement - IRD/PALOC, França)

Pedro Cardim, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Rita Gomes Nascimento Potiguara, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso)Brasil

Vanessa Augusta do Nascimento Brandão e Costa, Wapichana, UNESP, Brasil

# SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO.....   | 5  |
| CONFERÊNCIA: OS MODOS DE TRANSMISSÃO, CUIDADO E INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTOS ENTRE MULHERES INDÍGENAS – ESTUDOS DE UMA ANTROPÓLOGA KARIPUNA ..... | 10 |
| Sessão 1: POVOS INDÍGENAS, MEIO AMBIENTE E SUAS AGENCIAS NA AMÉRICA PORTUGUESA E ESPANHOLA.....   | 10 |
| Sessão 2: OCEANS: HISTÓRIA HUMANA DA VIDA MARINHA E POVOS INDÍGENAS.....  | 12 |
| Sessão 3: LINGUAS, LITERATURA, SABERES INDÍGENAS E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE.....   | 13 |
| Sessão 4: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, ANCESTRALIDADE E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE.....   | 14 |
| Sessão 5: HISTÓRIA, MEMÓRIA E MULHERES INDÍGENAS ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO BRASIL.....   | 14 |
| Sessão 6: HISTÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS DOS POVOS INDÍGENAS NO SÉCULO XX AOS DIAS ATUAIS .....  | 16 |
| Sessão 7: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL EM CONTEXTO AMAZÔNICO   | 18 |
| Sessão 8: EDUCAÇÃO INDÍGENA, EDUCAÇÃO ESCOLAR E SABERES ANCESTRAIS: NOVAS TERRITORIALIDADES NA RELAÇÃO COM A NATUREZA E A ANCESTRALIDADE .....    | 20 |
| Sessão 9: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, NATUREZA E ANCESTRALIDADE ....  | 22 |
| Sessão 10: QUESTÕES AMBIENTAIS, COSMOLOGIA, SAÚDE E POVOS INDÍGENAS.....  | 24 |
| CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO: TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL: GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL (1988-2012) .....   | 27 |

## **APRESENTAÇÃO**

O Congresso Internacional Mundos Indígenas (COIMI) é um evento bianual que acontece na América e Europa e foi criado no âmbito do Seminário Permanente Mundos Indígenas - Abya Yala (SEPMIAI) no Centro de Humanidades (CHAM / NOVA FCSH—UAC), na Universidade Nova de Lisboa, Portugal junto com a Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil entre os dias 27 e 28 de abril de 2015. O COIMI é um espaço para se construir uma maior rede colaborativa em âmbitos nacional e internacional para as discussões sobre temas vinculados aos povos indígenas da América no passado e no presente. No V COIMI – Europa, Portugal pretende-se ampliar diálogos entre investigadores indígenas e não indígenas para que se possa construir possibilidades de novos caminhos epistemológicos, históricos, documentais, antropológicos, educacionais, entre outros temas interdisciplinares, especialmente destacando o campo das questões das águas/história ambiental.

**V CONGRESSO INTERNACIONAL MUNDOS INDÍGENAS – PORTUGAL**  
**MUNDOS INDÍGENAS: "CICLOS DE ÁGUA; HISTÓRIA AMBIENTAL, USOS E**  
**REPRESENTAÇÕES"**

Local: Auditório B1 (Torre B). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. NOVA. Av. de  
Berna, 26C Lisboa – Portugal  
2 e 3 de dezembro de 2024

**PROGRAMAÇÃO**

**SEGUNDA-FEIRA, 02/12/2024**

**9.30**

ABERTURA COM OS PESQUISADORES(AS) INDÍGENAS PRESENTES

MESA DE ABERTURA DOS ORGANIZADORES DO V COIMI PORTUGAL E  
REPRESENTANTE DO CHAM-UNL

**9.45-10:45**

**CONFERÊNCIA DE ABERTURA:**

OS MODOS DE TRANSMISSÃO, CUIDADO E INTERCÂMBIO DE  
CONHECIMENTOS ENTRE MULHERES INDÍGENAS – ESTUDOS DE UMA  
ANTROPÓLOGA KARIPUNA

**Conferencista:** Ana Manoela Primo dos Santos Soares (Ana Karipuna), UFPA, Brasil

**Mediadora:** Juciene Ricarte Cardoso, PPGH-UFCG, PPGE-UFT/CHAM-UNL, PT, Brasil

**10:45-11:00 – Coffee-Break**

**11:00-12:00**

**Sessão 1: POVOS INDÍGENAS, MEIO AMBIENTE E SUAS AGENCIAS NA AMÉRICA  
PORTUGUESA E ESPANHOLA**

Ângela Domingues, Universidade de Lisboa, Portugal

Karine de Fátima Mazarão – CHAM/ FSCH/UNL, Portugal

Mauro João Fontana Santos Alves, Universidade Complutense de Madri, Espanha

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB), Brasil

**Coordenador/debatedor:** Pedro Cardim, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa,  
Portugal

**12:00-14:00 - Almoço**

**14.00 – 15:00**

**Sessão 2: OCEANS: HISTÓRIA HUMANA DA VIDA MARINHA E POVOS INDÍGENAS**

Cristina Brito, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Jaime Silva, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Noelia Villena Rodríguez, Universidade Pompeu Fabra, Barcelona

Coordenador/debatedor: Paulo Henrique Martinez, Universidade Estadual Paulista,  
UNESP/Assis, Brasil

**15:00 -16:00**

**Sessão 3: LINGUAS, LITERATURA, ARTES E SABERES INDÍGENAS E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE**

Brigitte Thierion, Université Sorbonne Nouvelle, França  
Ana María Canelos, UASB/EDGES, Equador  
Noadia Gomes Martins, PPGE, UFT, Brasil

Coordenadora/debatedora: Pedro Daniel dos Santos Souza, UNEB, Brasil

**16:00-16:30– Coffee-break**

**16:30 -17:30**

**Sessão 4: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, ANCESTRALIDADE E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE**

Tatiana Mahecha, Universidade del Magdalena, Colombia  
Andreia Martins Torres, Universidade de Salamanca, Espanha  
Fernanda Mendonça Pitta, USP, Brasil  
Mariana Françaço, Universidade de Leiden, Países Baixos

Coordenador/debatedor: João Paulo de Oliveira e Costa,  
CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, Portugal

**17:30-18:30**

**Sessão 5: HISTÓRIA, MEMÓRIA E MULHERES INDÍGENAS ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO BRASIL**

Bruna Josefa de Oliveira Vaz, UFPA/EDGES, Brasil  
Federica Lupati, CHAM-UNL, Portugal  
Adriana da Costa Pereira Aguiar, PPGE/SEDUC, Brasil

Coordenadora/debatedora: Rosilene Dias Montenegro, PPGH-UFCG, Brasil

**TERÇA-FEIRA, 03/12/2024**

**9:00-10:20**

**Sessão 6: HISTÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS DOS POVOS INDÍGENAS NO SÉCULO XX AOS DIAS ATUAIS**

Rodrigo Lacerda, CRIA / NOVA FCSH, Portugal  
Karl Heinz Arenz, UFPA, Brasil  
Carlos Benítez Trinidad, Universidade de Salamanca  
Naybe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú

Coordenador/debatedor: Pablo Ibáñez-Bonillo, CHAM-UNL

**10:20-11:00 - Coffee Break**

**11:00: 12:00**

**Sessão 7: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL EM CONTEXTO AMAZÔNICO**

Tania Suely Azevedo Brasileiro, UFOPA, Brasil  
Silvânia Pereira de Sousa Pires - UFT/SEDUC, Brasil  
Josy Barros Noleto de Souza, FAPAC/ITPAC -TO, Brasil  
Maria de Lourdes Leoncio Macedo, PGEDA/PPGE, UFT, Brasil

Coordenadora/debatedora: Jocyleia Santana dos Santos, PPGE-UFT, Brasil

**12:00-13:30 – Almoço**

**13.30 – 15:10**

**SESSÃO 8: EDUCAÇÃO INDÍGENA, EDUCAÇÃO ESCOLAR E SABERES ANCESTRAIS: NOVAS TERRITORIALIDADES NA RELAÇÃO COM A NATUREZA E A ANCESTRALIDADE**

Daniel Santana Potiguara, UFPB, Brasil  
Edna Maria Matos Antonio, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Adriana da Costa Pereira Aguiar, PPGE/SEDUC, Tocantins, Brasil  
Rosy Franca Silva Oliveira, PPGE-UFT, TO, Brasil

Coordenadora/debatedora: Floriza Maria Sena Fernandes, UNEB, Brasil

**15:10 - 16:10**

**Sessão 9: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, NATUREZA E ANCESTRALIDADE**

Patrícia Isabel Lontro Marder Vieira CES, Universidade de Coimbra, Portugal  
Ananda Machado, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Shauna La Tosky, University of Northern British Columbia, UNBC, Canada  
Pascale de Robert, UMR PALOC, Institut de Recherche pour le Développement (IRD, France

Coordenadora/debatedora: Naybe Gutierrez Montoya,  
Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú

**16:10- 16:30 Coffee Break**



**16:30-17:30**

**Sessão 10 QUESTÕES AMBIENTAIS, COSMOLOGIA, SAÚDE E POVOS INDÍGENAS**

José Carlos Almeida Cruz, UFAM, Brasil  
Antônio Jose Guimaraes Brito, UFRN, Brasil  
Nina Vieira, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa  
Ananda Machado, PGEDA, Universidade Federal de Roraima

Coordenadora/Mediadora: José Otávio Aguiar,  
PPG-Gestão em Recursos Naturais-UFCG e PPGH-UFCG, Brasil

**17:30-18:10**

**CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO: TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL: GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL (1988-2012)**

Paulo Henrique Martinez, Universidade Estadual Paulista, UNESP/Assis, Brasil  
Mediadora: Sandra Caeiro, Universidade Aberta, Portugal

**18:10 h MESA DE ENCERRAMENTO COM OS ORGANIZADORES DO V COIMI, PT**

## RESUMOS

### **Conferência de Abertura: OS MODOS DE TRANSMISSÃO, CUIDADO E INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTOS ENTRE MULHERES INDÍGENAS – ESTUDOS DE UMA ANTROPÓLOGA KARIPUNA**

Ana Manoela Primo dos Santos Soares, Universidade Federal do Pará

É a partir da minha origem e existência como mulher Karipuna e das minhas sociabilidades com outras mulheres da minha etnia que o conteúdo desta palestra será tecido. O povo Karipuna localiza-se em vinte e seis aldeias nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, no município de Oiapoque, no norte do estado do Amapá, região amazônica e de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Os Karipuna têm como língua materna o kheuol e suas principais características culturais são a festa do turé e os maiuhis (trabalhos coletivos nas roças). A reflexão que desenvolvo trata sobre os modos de transmissão, cuidado e intercâmbio de conhecimentos existentes entre as redes de mulheres desta etnia, que podem tratar desde relações cosmológicas, familiares, de amizade, de organização de eventos, rituais, trabalhos científicos, até estratégias complexas políticas. Trago destaque para minhas experiências de campo na realização de pesquisas em antropologia, em que estão suas agências, relações e intercâmbios femininos apresentaram-se mais presentes, por ser uma indígena que vive na cidade e não na aldeia, os conhecimentos das mulheres Karipuna se apresentam para mim de uma maneira diferenciada entre o urbano e o território.

### **SESSÃO 1: POVOS INDÍGENAS, MEIO AMBIENTE E SUAS AGENCIAS NA AMÉRICA PORTUGUESA E ESPANHOLA**

#### **A HISTÓRIA DA AMAZÔNIA COLONIAL: REFLEXÕES EM TORNO DA HISTÓRIA INDÍGENA, DO AMBIENTE E DOS SABERES DAS COMUNIDADES INDÍGENAS**

Ângela Domingues, Universidade de Lisboa, Portugal

A Amazônia é, provavelmente, um dos espaços geográficos mais estudados dos nossos dias devido à importância que tem para o equilíbrio do planeta. A inovação científica que tem ocorrido nos últimos anos sobre esta área também se traduziu na valorização das comunidades indígenas, que teve por parte de historiadores e de cientistas sociais e das humanidades uma atenção renovada. As novas narrativas históricas que hoje em dia construímos, baseadas em investigações sólidas de arquivos e beneficiando de uma colaboração multidisciplinar, dão maior visibilidade e protagonismo às comunidades indígenas, considerando como protagonistas de processos históricos relacionados com a história nacional brasileira e regional da Amazônia colonial. Entre outros temas, valorizamos os processos de trocas culturais e de transferência de conhecimentos que ocorreram entre indígenas e sociedade colonial. Para este tema de estudo, tomaremos como estudo de caso a viagem científica do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792) e as práticas colaborativas condicionais pelo naturalista com os indígenas da Amazônia.

## REPRESENTAÇÕES DAS MASCULINIDADES INDÍGENAS NA AMÉRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI

Karine de Fátima Mazarão – CHAM/ FSCH/UNL, Portugal

Esta comunicação é parte da pesquisa de doutorado em História intitulada “As Relações de Gênero no Brasil Colonial: uma análise sobre as masculinidades na Capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII”. Neste trabalho, discutimos um dos temas da pesquisa, que é a análise das representações das masculinidades indígenas em documentos do século XVI na América Portuguesa. A partir das perspectivas da história de gênero e da história das masculinidades, procuramos investigar o que definia as masculinidades indígenas aos olhos dos europeus, examinando as diferentes maneiras de “ser homem” no contexto colonial e como essas categorias variaram em função dos projetos coloniais de escravização, conversão e integração dos povos indígenas. O estudo concentra-se em fontes primárias — cartas jesuíticas, relatos de viajantes, tratados descritivos, e documentos oficiais. Deste modo, cabe salientar que esta análise limita-se a observar a tradição indígena pontualmente. O objetivo central é discutir se essas categorias de masculinidades indígenas, conforme expressas nos discursos europeus, operavam numa dinâmica de relação de poder, refletindo uma hierarquia de gênero, ou se também revelavam espaços de negociação e hibridismos, onde elementos europeus e indígenas dialogavam e se reconfiguravam mutuamente.

## O MUNDO NAHUA ATRAVÉS DE OBRAS DE FINAIS DA ÉPOCA COLONIAL: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE CRÔNICAS DE BOTURINI ATÉ PRESCOTT

Mauro João Fontana Santos Alves, Universidade Complutense de Madri

Sobre o mundo nahua – popularizado como “azteca” – muito se conta desde o primeiro contato europeu, a princípios do século XVI, até hoje. Determinadas ideias permearam grande parte do conhecimento daquelas culturas que habitaram o centro do México, no entanto, outras foram radicalmente ultrapassadas. A historiografia sobre aquela região é, de facto, das mais ricas e complexas do Novo Mundo e, portanto, representa uma referência inquestionável a nível mundial para o estudo da chamada “história indígena” e de temas como a “descolonização da consciência histórica”. O principal objetivo desta breve palestra é fornecer observações sobre a historiografia de finais do século XVIII e princípios do século XIX sobre o dito mundo nahua, valorizando pela primeira vez em Portugal este género de estudos. Dar-se-á um vislumbre sobre aquilo que se pensou na Europa sobre o mundo indígena da Nova Espanha, sobre os nahuas de tanto antes como depois da Conquista (1521 – uma data que também deve ser discutida). A investigação sustenta-se principalmente em crônicas, embora também possam surgir referências à iconografia da época ou a locais afundados. Efectivamente, é durante a cronologia científica que célebres arqueossítios (daquilo que então poderia ter chamado de “Mesoamérica”) foram descobertos, intervencionados ou divulgados, chegando a uma variação amplamente o mundo intelectual coevo e, conseqüentemente, as caracterizações históricas/antropológicas/etnográficas das culturas a que se remetiam.

## LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE ÉTNICA: DA OBRIGATORIEDADE DE USO DA LÍNGUA PORTUGUESA À RETOMADA LINGUÍSTICA

Pedro Daniel dos Santos Souza (UNEB), Brasil

A política de gestão das línguas na América portuguesa, expressa por meio do *Diretório dos índios* (1757), previa a proibição do uso da língua geral – considerada uma “invenção abominável” e “diabólica” – e das línguas próprias dos diversos grupos etnolinguísticos indígenas e, conseqüentemente, a adoção e o ensino da língua portuguesa, nas povoações e vilas de índios a serem erigidas, sobretudo de antigos aldeamentos jesuíticos. Considerando a “civilidade” das populações indígenas que o governo josefino (1750-1777) pretendia alcançar, a política linguística expressa no *Diretório* e a sua implementação por meio da “escola para índios” configuram-se como variáveis fundamentais para a compreensão do avanço da língua portuguesa nas vilas de índios da Bahia e suas implicações linguísticas. Ademais, rompendo esse percurso histórico, ações relativas às políticas linguísticas voltadas à retomada/revitalização de línguas indígenas no Estado da Bahia, e sua execução no âmbito da educação escolar indígena, abrem espaços para uma reconfiguração sociolinguística. A par dessas questões, pretende-se discutir a retomada/revitalização das línguas ancestrais na Bahia e sua relação com as dinâmicas de luta por terra, direitos e construção de uma identidade étnica, configurando-se como importante elemento para o engajamento étnico da juventude indígena e a construção coletiva de uma cosmopolítica a partir da presença cultural dessas línguas.

## **SESSÃO 2: OCEANS: HISTÓRIA HUMANA DA VIDA MARINHA E POVOS INDÍGENAS**

Cristina Brito, CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Abordar diferentes contextos eco-culturais no Atlântico pré-moderno como forma de conhecimento, através de exemplos de interações com animais aquáticos, permite-nos considerar vivências múltiplas em realidades mais-do-que-ecológicas, representadas por diferentes sociedades em perspectivas mais-do-que-humanas. Neste processo recorreremos a marcas deixadas nas fontes documentais e iconográficas, nas produções literárias e artísticas, pelos vestígios nas materialidades múltiplas e na paisagem, que criam um Ser-Animal-Entidade, para lá da sua existência subjacente em redes tróficas marinhas.

## O MUNDO AQUÁTICO DOS ANTIGOS MAIAS: CRUZANDO ESTUDOS DE RELIGIÃO, HISTÓRIA E ECOLOGIA PARA UMA COMPREENSÃO DE AMBIENTES PASSADOS

Jaime Silva, CHAM, FCSH-Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Utilizando uma metodologia interdisciplinar assente nas Humanidades Ambientais, a presente comunicação procura entender os principais elementos/motivos patentes na cosmovisão dos antigos Maias, com vista a identificar as disrupções e continuidades da mesma enquanto o mundo aquático. Acreditamos que o recurso aos cruzamentos dos postulados de diferentes perspectivas analíticas permite não apenas visitar as

interpretações tradicionais sobre ambientes passados, mas acima de tudo contribui para o conhecimento sobre as concepções elaboradas por comunidades humanas não ocidentais em torno dos mundos naturais mais que os humanos.

## UMA APROXIMAÇÃO DA(S) PERCEPÇÃO(ÕES) PRÉ-COLONIAL(ES) DO OCEANO NAS ILHAS MARIANAS: LOS CHAMORUS

Noelia Villena Rodríguez, Universidade Pompeu Fabra, Barcelona

Los chamorros ou CHamorus (no idioma indígena) são os indígenas das Ilhas Marianas, umas comunidades que habitavam este arquipélago antes do período de colonização espanhola (1668-1898). Essas comunidades estavam intimamente relacionadas com o oceano, porque na presente comunicação nos aproximamos a como é o percebido no período imediatamente anterior ao colonial, o período Latte (900/1000-1668). Uma relação/encontro ser humano-oceânico que será desgraçado desde sua dimensão material e simbólica, onde a percepção e apropriação da natureza entram no jogo. Por último, esta análise nos permitirá abordar de maneira breve o impacto que foi produzido com a instauração da missão jesuíta (1668-1769), produzindo mudanças, mas também vivências nessa relação do Amor com o oceano.

## **SESSÃO 3: LINGUAS, LITERATURA, ARTES E SABERES INDÍGENAS E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE**

### RESISTÊNCIAS DO POVO XERENTE: REPRESENTAÇÕES DE DOR E LUTO

Noadia Gomes Martins, SEDUC/TO, PGEDA/PPGE, UFT, Brasil

A concepção social de morte é resultado de um longo processo histórico, influenciado por diversos sistemas econômicos, sociais e culturais, além de costumes que envolvem dimensões existenciais, subjetivas e espirituais. As tradições e práticas indígenas relacionadas à morte especificamente um campo fértil para investigação e análises, especialmente quando se observa a maneira como diferentes povos indígenas compreendem e vivenciam o luto. Este estudo visa discutir as percepções e rituais de morte e luto entre o povo Xerente, localizado no estado do Tocantins, na região amazônica, explorando como essas práticas refletem a cosmovisão indígena e retirada para a manutenção das tradições culturais e espirituais desse povo, mesmo diante das adversidades e transformações sociais contemporâneas. A pesquisa é qualitativa, estudo de campo com aplicação de questionário, permitindo captar as narrativas e interpretações dos membros da comunidade em relação ao luto e à perda de seus entes queridos. A interpretação reflete o profundo respeito e as vivências compartilhadas com o membro da comunidade que faleceu, reforçando a coesão social e os laços comunitários entre os Xerente.

## **SESSÃO 4: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, ANCESTRALIDADE E DIVERSIDADE NO PASSADO E PRESENTE**

### **COLEÇÕES INY EM MUSEUS ESPANHÓIS: NOVOS OLHARES SOBRE O AMERICANISMO ANTROPOLÓGICO**

Andreia Martins Torres, Universidade de Salamanca, Espanha

Esta proposta centra-se nas coleções do Museu da América de Madrid e do Museu Nacional de Antropologia, refletindo sobre as práticas de colecionismo de objetos do povo Iny (Brasil), realizadas desde o século XVIII até praticamente a atualidade. Através de seus acervos, exploramos a biografia desses objetos para investigar as relações políticas entre o Brasil e a Espanha, como as nossas sociedades se relacionaram com os povos indígenas e como essas culturas foram representadas e conhecidas nos meios acadêmicos, onde, só recentemente, surgiram a entrar pessoas indígenas. Estas coleções nos convidaram a refletir sobre o desenvolvimento desses processos de coleta e como essas narrativas acompanharam a evolução do pensamento acadêmico, construído a partir de um lugar externo à comunidade. Mais importante ainda, o que queremos construir daqui em diante, quando olhamos para essas coleções? Como queremos entender novos significados para esses objetos? E como queremos que eles contenham as suas histórias no futuro? Isto é especialmente relevante num momento histórico para Espanha, onde a descolonização dos museus com acervos coloniais entrou na agenda das políticas públicas.

### **LEGADO SAGRADO: “EL ORIGEN” COSTUMBRES Y TRADICIÓN. SIERRA NEVADA DE SANTA MARTA**

Tatiana Mahecha, Universidad del Magdalena, Colombia

Nace de la inspiración de la fotógrafa documental Tatiana Mahecha que como artista encuentra en la creación fotográfica una posibilidad y un medio para contar la historia de resistencia de nuestros pueblos indígenas, una oportunidad para contribuir a la conservación y preservación de este patrimonio cultural material que nos pertenece a todos. LEGADO SAGRADO ha sido posible gracias al trabajo con el equipo de la Unidad de Apropiación Social del Conocimiento adscrita a la Vicerrectoría de Investigación de la Universidad del Magdalena, que en su labor incansable por promover el conocimiento y la cultura, apoya la iniciativa de realizar una exposición fotográfica que permite al espectador admirar un selecto grupo de las más de mil piezas que hacen parte de la Colección Arqueológica del Centro de Colecciones Científicas custodiadas por la propia Universidad del Magdalena. Desde el 2019 este Centro se consolidó como unidad académica que trabaja arduamente por salvaguardar el patrimonio arqueológico ancestral del Caribe Colombiano. El registro fotográfico del LEGADO SAGRADO está compuesto por piezas de materiales cerámicos y líticos del periodo Tayrona y Neguanje, de la Sierra Nevada De Santa Marta, acompañadas por un texto curatorial elaborado por los expertos Wilhem Londoño Diaz y María Fernanda Mozo. En conjunto la muestra nos sumerge en un viaje histórico, que nos lleva al origen para reencontrarnos con nuestros ancestros.

## **Sessão 5: HISTÓRIA, MEMÓRIA E MULHERES INDÍGENAS ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES NO BRASIL**

### **OS MODOS DE TRANSMISSÃO, CUIDADO E INTERCÂMBIO DE CONHECIMENTOS ENTRE MULHERES INDÍGENAS – ESTUDOS DE UMA ANTROPÓLOGA KARIPUNA**

Ana Manoela Primo dos Santos Soares, Universidade Federal do Pará

É a partir da minha origem e existência como mulher Karipuna e das minhas sociabilidades com outras mulheres da minha etnia que o conteúdo desta palestra será tecido. O povo Karipuna localiza-se em vinte e seis aldeias nas Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã, no município de Oiapoque, no norte do estado do Amapá, região amazônica e de fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Os Karipuna têm como língua materna o kheul e suas principais características culturais são a festa do turé e os maiuhis (trabalhos coletivos nas roças). A reflexão que desenvolvo trata sobre os modos de transmissão, cuidado e intercâmbio de conhecimentos existentes entre as redes de mulheres desta etnia, que podem tratar desde relações cosmológicas, familiares, de amizade, de organização de eventos, rituais, trabalhos científicos, até estratégias complexas políticas. Trago destaque para minhas experiências de campo na realização de pesquisas em antropologia, em que estão suas agências, relações e intercâmbios femininos apresentaram-se mais presentes, por ser uma indígena que vive na cidade e não na aldeia, os conhecimentos das mulheres Karipuna se apresentam para mim de uma maneira diferenciada entre o urbano e o território.

### **EMANUELA SOUSA: HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIAS INDÍGENAS COMO INSTRUMENTOS DE REIVINDICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO INDÍGENA NO BAIXO TAPAJÓS.**

Bruna Josefa de Oliveira Vaz, UFPA/EDGES, Brasil

Este trabalho trata das narrativas e memórias de Emanuela Sousa, mulher indígena do povo Kumaruara, freira por mais de cinco décadas e uma grande referência do movimento indígena na região do rio baixo Tapajós. Através do método de história de vida e história oral, procure-se compreender sua trajetória, o processo de emergência étnica e a organização do movimento indígena no baixo Tapajós, território em que nasceu e dedicou parte de seu trabalho como ativista indígena. Descritos como mortos ou extintos há muito tempo, os povos indígenas desta região passaram a mobilizar publicamente suas identidades étnicas a partir do final do século XX, momento em que se reconfiguraram o quadro político e social na região. Desta forma, as narrativas e memórias de Emanuela, como fios condutores, possibilitaram uma compreensão renovada deste processo. Trago para o debate o termo etnogênese que vai ganhar novos contornos quando pensado em um ponto de convergência de processos de transformações internas e externas. Observe-se que esta perspectiva em certa medida constituiu um ramo do que na historiografia convencionou-se chamar de Nova História. Como destaca Peter Burke, esta ramificação surgiu a partir da construção de um novo paradigma historiográfico, preocupada não apenas com a história da política e das grandes estruturas sociais, mas para um conjunto de problemas que atravessam o amplo campo de sociabilidade humana.

## ENTRE PRÁXIS DECOLONIAL E SABERES TRADICIONAIS: PERSPETIVAS SOBRE A CRISE CLIMÁTICA DE AUTORIA FEMININA INDÍGENA NO BRASIL, ATRAVÉS DA OBRA *SABERES DA FLORESTA* DE MÁRCIA WAYNA KAMBEBA.

Federica Lupati, CHAM-UNL, Portugal

As mulheres indígenas, no Brasil, desempenham um papel central no processo de informação e educação em relação à crise climática, já que frequentemente sublinham a interconexão entre cultura, identidade e ambiente. O seu olhar desafia as narrativas dominantes e traz a atenção sobre as consequências das alterações climáticas e as suas causas, quer nas suas comunidades, quer no ecossistema em geral. A partir das teorias ecofeministas, dos estudos decoloniais e dos estudos sobre literaturas indígenas, no presente trabalho argumenta-se que, na contemporaneidade, as mulheres indígenas no Brasil oferecem perspectivas inovadoras sobre a relação entre os seres humanos e a sua existência na Terra: ao combinar a práxis decolonial com o ativismo político e as narrativas tradicionais, promovem uma atitude de respeito profundo para o ambiente e respondem, desta forma, a uma das questões mais urgentes dos nossos tempos, isto é, a atual crise climática. Para fazer isso, oferecer-se-á uma leitura da obra *Saberes da floresta* (2020) de Márcia Wayna Kambeba.

## IRACEMA: O INDIGENISMO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NO BRASIL Rosilene Dias Montenegro, PPGH-UFCG, Brasil

Este trabalho propõe analisar a presença do imaginário colonial na construção imagético-discursiva da mulher indígena na sociedade brasileira. Essa análise será feita a partir do romance indianista *Iracema*, do escritor José de Alencar (1865), cujo projeto político de criação de um mito de origem para o povo e nação brasileira como resultado do encontro do colonizador português Martin com o indígena Iracema está calcado no imaginário e pensamento colonizador. Nesse sentido, Martin é apresentado como o homem branco europeu, guerreiro, sedutor, dominador com a mulher originária da América, indígena, bela, ingênua, passiva e submissa. O objetivo é problematizar os signos e símbolos desse imaginário em sua relação com a visão colonizadora, ou seja, com as referências eurocêntricas que constituíram uma visão fundadora do mito do Brasil, e a relação dessa visão com o imaginário constituído para as mulheres indígenas, nação e relações de gênero. Para essa finalidade, busque-se nas teorias e metodologias da decolonialidade modos de apreensão, aprendizado e ensino sobre os saberes e práticas de existências, re-existências e resistências de gênero, enfatizando as mulheres indígenas, a partir de uma visão romântica de Iracema, a virgem dos lábios de mel a indígena, a questões raciais e racistas na atualidade e relações de gênero. A análise tem como principais referências as contribuições de Aníbal Quijano (1992), Walter D. Mignolo (2008), e María Lugones (2008). Espera-se contribuir para o debate decolonial em Abya Yala.



**TERÇA-FEIRA, 03/12/2024**

**Sessão 6: HISTÓRIAS, LUTAS E RESISTÊNCIAS DOS POVOS INDÍGENAS NO SÉCULO XX AOS DIAS ATUAIS**

**VIAGEM DE VICTOR BANDEIRA AO BRASIL NOS ANOS 1960: TRANSPORTES PARA A BIOGRAFIA DE UMA COLEÇÃO DE CULTURA MATERIAL INDÍGENA EM PORTUGAL**

Rodrigo Lacerda, CRIA - NOVA FCSH / IN2PAST

Entre 1964 e 1965, o explorador e colecionador de arte português Victor Bandeira e sua mulher na altura, a antropóloga Françoise Bandeira, viajaram pela América do Sul para instalar elementos de material cultural dos povos indígenas deste continente, especialmente do Brasil. A viagem foi realizada a pedido do antropólogo Jorge Dias e tinha como objetivo principal obter elementos da cultura material dos povos indígenas para a constituição do acervo do futuro Museu de Etnologia do Ultramar a erigir em Lisboa, Portugal, que é atualmente denominado Museu Nacional de Etnologia. A apresentação analisa e contextualiza os modos de relação do casal Bandeira com os povos indígenas e as estratégias empregues para constituir uma coleção.

**A VOLTA AO RIO KAXURU: AS TRAJETÓRIAS DOS KAXUYANA NO NOROESTE DO PARÁ (1960-2010)**

Karl Heinz Arenz, Universidade Federal do Pará (Brasil)

A comunicação objetiva analisa as razões pelas deslocações de grupos do povo Kaxuyana na bacia do rio Trombetas, entre a década de 1960 e o início do século XXI. Vivendo tradicionalmente em torno da foz do rio Kaxuru (Cachorro) no alto Trombetas, grupos desta etnia se mudaram para a missão franciscana dos Tiriyó, na fronteira com o Suriname, e para os rios Nhamundá e Mapuera, onde vivem os Wai-wai. Após três décadas, decidimos voltar para suas terras originais. Para compreender esta mobilidade complexa, a partir de uma etnografia dos grupos Kaxuyana. Em seguida, serão enfocadas as diversas movimentações para, no fim, ver sobre o retorno ao rio Kaxuru e as dificuldades enfrentadas na atualidade. Entrevistas realizadas pela historiadora indígena Neide Imaya Wara Kaxuyana, diversos trabalhos antropológicos e a correspondência entre os indígenas e órgãos públicos embasaram este estudo. Isto se entende como uma contribuição para a História Indígena e do Indigenismo na região oeste do Estado do Pará.

**FONTES PARA UMA TERCEIRA MARGEM: LUIZA DO VALLE E A MULTIPLICIDADE DO SER INDÍGENA NA DITADURA MILITAR**

Carlos Benítez Trinidad, Universidade de Salamanca

A palestra examina a complexa relação entre os povos indígenas e o Estado brasileiro durante a Ditadura Militar, utilizando como estudo de caso a carta de Luiza do Valle, uma indígena Tupi, ao Comando da 4ª Brigada de Infantaria em 1975. Através dessa correspondência, o texto revela as resistências e violências enfrentadas pelos indígenas envolvidos no indigenismo, destacando a figura de Luiza e sua família, que serviram à Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e ao Exército por gerações. A análise introduz o

conceito de "Terceira Margem", inspirado na obra de João Guimarães Rosa, como uma metáfora para compreender as vivências indígenas que escapam às dicotomias tradicionais da historiografia. O artigo propõe uma nova abordagem para estudar a história indígena durante a ditadura, superando as narrativas dualistas que opõem a resistência indígena ao autoritarismo estatal. A trajetória de Luiza e de seu pai, Arlindo do Valle, revela como lideranças indígenas utilizaram estratégias complexas para navegar entre a preservação de suas identidades e a adaptação às exigências do Estado. O estudo enfatiza a necessidade de incorporar perspectivas indígenas na historiografia, valorizando suas cosmologias e modos de interpretação do mundo, além de considerar as formas de violência e marginalização que enfrentam.

## RECURSOS NATURALES Y TÉCNICAS DE CONSTRUCCIÓN. EL MANEJO DEL ÁGUA EN LOS PUEBLOS PREHISPÁNICOS DEL NORTE DE COLOMBIA.

Naybe Gutierrez Montoya, Centro de Investigaciones Jauja sobre el Área Andina, Perú

Los esfuerzos realizados por especialistas de diferentes disciplinas, llevados a cabo los últimos años en la región norte de Colombia, nos han permitido aproximarnos a la comprensión de formas y modos de vida de los pueblos indígenas de la antigüedad, que nos dejan ver un profundo diálogo con el medio natural, y el desarrollo de avanzadas técnicas para el manejo del agua y la construcción de infraestructuras como canalizaciones, puentes, desagües, piscinas, aljibes, campos de cultivo, que permitieron el exitoso crecimiento y expansión de importantes sociedades ribereñas, pero también serranas, de la costa y del desierto. Dichas sociedades, producto de siglos de evolución y sobrevivientes de conquistas y colonizaciones, nos han dejado un importante patrimonio material del cual queremos hablar en esta ponencia.

## **Sessão 7: EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL EM CONTEXTO AMAZÔNICO**

### UNIVERSIDADE E ALDEIA: PRESERVAÇÃO E TROCAS DE EXPERIÊNCIA EM PROJETO DE EXTENSÃO

Josy Barros Noleto de Souza, FAPAC/ITPAC Porto Nacional -TO

O projeto de extensão "ITPAC Porto Solidário Itinerante" é uma iniciativa anual que visa promover o desenvolvimento e a assistência às comunidades rurais e indígenas do estado do Tocantins. O estudo teve como objetivo compreender o papel do projeto na melhoria da qualidade de vida da comunidade indígena xerente. O projeto está na edição de quarta, realizado na aldeia Alto Kripre, pertencente ao povo indígena Xerente, localizado no município de Tocantínia. O estudo é uma pesquisa qualitativa, análise documental e de campo, o projeto proporcionou não apenas assistência em saúde e bem-estar, mas também um rico intercâmbio cultural, permitindo que os participantes do projeto conhecessem e interagissem com as tradições, a língua e os trajes dos Xerente. Além de proporcionar um momento de ouvir as lideranças da comunidade sobre a preservação das matas e dos animais. O estudo apresenta um levantamento da troca de experiências ocorridas entre a Universidade e a comunidade indígena nestes quatro anos de intercâmbio. Entre as atividades realizadas, destacaram-se jogos indígenas, a corrida de tronco e partidas de

futebol, que fortaleceram os laços entre os visitantes e a comunidade anfitriã. O projeto de extensão, consolida-se como um importante troca entre a universidade e a comunidade indígena, promovendo a solidariedade e o respeito às culturas locais, além de contribuir para o fortalecimento da saúde e da qualidade de vida dos povos indígenas.

## O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA INDÍGENA E O MATERIAL DE APOIO ESCOLAR

Silvânia Pereira de Sousa Pires - UFT/SEDUC

O entendimento sobre a educação escolar indígena está intimamente atrelado à história colonial do Brasil. Trata-se de um processo de epistemicídio, isto é, o apagamento e desvalorização de suas culturas em detrimento do pensamento europeu, que correu em paralelo ao genocídio que estes povos experimentaram. Atualmente, a educação escolar indígena, pela Constituição Federal, tem a perspectiva de garantir a identidade cultural de cada povo que frequenta e visa servir como ferramenta aos interesses próprios de cada comunidade. A pesquisa foi qualitativa, de campo e análise documental, com revisão de bibliografia. Em relação à escola indígena, há direitos que ainda não são cumpridos, um deles refere-se ao apoio às escolas indígenas em especial na Escola Indígena Txuíri-Hiná, no Tocantins.

## A ESCOLA À UNIVERSIDADE PÚBLICA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: RELATOS DE ESTUDOS DA UFOPA COMO TERRITÓRIO DE EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS

Tania Suely Azevedo Brasileiro, UFOPA/PGEDA  
Jocyleia Santana, PPGE/UFT

Esta pesquisa objetiva compartilhar estudos realizados em uma universidade pública federal da Amazônia oriental que revela um processo de inclusão educacional pluriétnica de 21 povos indígenas em cursos de graduação e pós-graduação a partir de sua política de ações afirmativas. O estudo é bibliográfico e documental, priorizando análise de trabalhos de conclusão de curso (TCC, mestrado e doutorado) sob orientação da autora principal. Esta realidade transfronteiriça e multicultural traz à tona estratégias para o acesso e a permanência de indígenas, alguns deles bilingues, na UFOPA. Aponta conflitos, desafios e perspectivas nos caminhos percorridos por eles da educação básica à educação superior, confirmando o papel estratégico que as universidades públicas assumem para as garantias de direitos fundamentais, tornando-se um território de epistemologias indígenas.

## A LUTA DO POVO INDÍGENA KARAJÁ POR EDUCAÇÃO ESCOLAR NO TOCANTINS

Rosy Franca Silva Oliveira, PPGE-UFT, TO, Brasil

O objetivo do estudo foi de conhecer o papel dos conselheiros do FUNDEB na melhoria da educação escolar indígena no Tocantins. O estudo teve início com a análise da documentação baseadas no relatório do Conselho Estadual do FUNDEB-TO (2022) em relação as escolas indígenas do povo Karajá, no estado do Tocantins. Após visita in loco, e a intervenção dos conselheiros, houve mudanças em algumas escolas. Conclui-se que

sem acompanhamento, monitoramento e cobranças ao poder público, a educação escolar indígena sempre fica desfavorecida.

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS-BRASIL: A PÓS-GRADUAÇÃO E AS PESQUISAS NA TEMÁTICA INDÍGENA

Maria de Lourdes Leoncio Macedo, PGEDA/PPGE, UFT, Brasil  
Darlene Araújo Gomes, PGEDA/PPGE, UFT, Brasil  
Jocyléia Santana dos Santos, PGEDA/PPGE, UFT, Brasil

A Universidade Federal do Tocantins, instituída pela Lei nº10.032/2000, implantada em 2003, localizada no Estado do Tocantins, que foi criado em 1989. O estado possui uma população indígena de 20.023, segundo o Censo de 2022. Um total de oito povos indígenas habitam o estado (Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, Krahô, Krahô Kanela, Apinajé, Avá-Canoeiro). Para nortear a pesquisa, fizemos a seguinte indagação: porque há poucas pesquisas na temática indígena no estado do Tocantins, por meio da Universidade Federal do Tocantins? O que ensejou no objetivo de apresentar as pesquisas em nível de pós-graduação da Universidade Federal do Tocantins (UFT) voltadas para a temática indígena. A metodologia da pesquisa é de cunho qualitativa, bibliográfica e realização de entrevistas com estudantes indígenas da pós-graduação, assim como levantamento de dados nos cursos de pós-graduação. Os resultados indicam que mesmo com grande representatividade de povos indígenas no estado a quantidade de pesquisas na temática indígena ainda é mínima, uma vez que há grandes barreiras para serem vencidas no ingresso e na permanência dos próprios indígenas no espaço da universidade. Dar mais significado nas pesquisas com as temáticas dos povos indígenas, valorizando sua cultura, sua língua, tradições, educação, vida, preservação da natureza. Estudar a temática indígena é também lutar e resistir a falta de respeito aos indígenas, riqueza cultural e social do Brasil, especialmente do Tocantins.

## **SESSÃO 8: EDUCAÇÃO INDÍGENA, EDUCAÇÃO ESCOLAR E SABERES ANCESTRAIS: NOVAS TERRITORIALIDADES NA RELAÇÃO COM A NATUREZA E A ANCESTRALIDADE**

### EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA POTIGUARA, PARAÍBA, BRASIL

Daniel Santana Potiguara, UFPB, Brasil

Abordaremos sobre a Educação Escolar Indígena Potiguara, Paraíba que tem todo um contexto histórico, social e cultural, trazendo consigo toda uma ancestralidade e cosmovisão milenar. O movimento da Educação Escolar Indígena Potiguara vem desde os anos 1990, onde podemos mencionar alguns precursores como Caboquinho Potiguara, Capitão Potiguara, Iolanda Potiguara, Manoel Eufrásio, Sônia Barbalho, Marcos Santana, entre outros guerreiros que lutaram e ainda lutam por uma Educação Escolar Indígena de qualidade. Dentro deste contexto de movimentos social e educacional nasce a Organização dos Professores Indígenas Potiguara da Paraíba-OPIP/PB, é uma organização que surge para lutar pela garantia dos direitos dos professores e escolas indígenas dos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, ambos pertencentes ao território Potiguara. Há 20 anos a OPIP/PB tem tido uma efetiva participação nos

movimentos indígenas e buscando fortalecer a Educação Escolar Indígena Potiguara da Paraíba. A partir dos movimentos, lutas e resistências a Educação Escolar Indígena Potiguara tem se fortalecido, enfrentando desafios e alcançando conquistas entre as quais a Licenciatura Intercultural Indígena, UFCG e no ano de 2024 a criação da Ação Saberes Indígenas, Núcleo UFCG e UFPB.

#### ACÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NOS DIFERENTES BIOMAS NORDESTINO

Floriza Maria Sena Fernandes (UNEB)

Este diálogo tem por objetivo compartilhar a experiência da Ação Saberes Indígenas na Escola, projeto de formação de professores e professoras indígenas nos Territórios Etnoeducacionais do nordeste brasileiro em ricos contextos ambientais, especificamente aqueles apoiados pela Universidade do Estado da Bahia, Instituto Federal do Sertão Pernambucano e Universidade Federal de Campina Grande no estado da Paraíba. Não existe aqui, a pretensão de fazer longas abordagens e discursos epistemológicos em relação à educação escolar indígena ou mesmo problematizar uma teoria do conhecimento que em nosso entendimento está mais consolidada nas práticas pedagógicas dos professores e escolas indígenas que sistematizadas no mundo acadêmico. Trata-se apenas de apresentar uma proposta exitosa e construída nos territórios indígenas que trilham caminhos sólidos para a constituição de uma política de formação continuada em serviço que leva em consideração o diálogo intercultural, o fazer e principalmente as necessidades das escolas das comunidades indígenas. O referido programa desenvolve o trabalho de formação de professores e professoras indígenas, incentivando a capacitação intelectual, aprimorando a excelência na qualidade de ensino e aprendizagem, além da autonomia e autoria destes professores, para a criação e confecção de materiais didáticos específicos e contextualizados com as realidades etnoterritorializadas em que se encontram estes povos. Materiais estes, que são trabalhados nas escolas indígenas, com o incentivo para o desenvolvimento de estratégias didáticas pedagógicas específicas e interculturais, no processo de valorização identitária, bem como, promovem uma educação significativa e participativa no processo de transformação coletiva do meio. Neste sentido o Movimento de Educação Escolar Indígena no Brasil vem defendendo a possibilidade desta Ação ser transformada em Política Pública de Estado na perspectiva de que a formação continuada esteja sempre alicerçada nos princípios étnicos culturais, linguísticos, nas competências e habilidades fundamentais para a concretização da prática docente.

#### A OMISSÃO DA MEMÓRIA: ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Edna Maria Matos Antonio, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

A Lei Federal nº 10.639/2003 modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/1996, incluindo a obrigatoriedade da abordagem da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial das redes de ensino brasileiras. Posteriormente, em 2003, a Lei Federal nº 11.645/2008 trouxe uma nova redação, ampliando essa obrigatoriedade para "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Essa legislação determina que os conteúdos sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena devem ser incluídos em toda a formação escolar, especialmente nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. No contexto escolar, essa legislação teve um impacto significativo na elaboração e implementação do currículo educacional, estabelecendo métodos e abordagens possíveis para promover o respeito à

diversidade cultural e a valorização dos povos nativos como protagonistas dos processos históricos, cujos impactos exigiram uma avaliação. De qualquer forma, a ausência desse conteúdo no currículo das licenciaturas de formação docente não-indígena favorece a continuidade de preconceitos e estereótipos raciais além de aprofundar cenários de desconhecimento e intolerância cultural e religiosa, o que representa ameaças à democracia e à igualdade em nosso país. Nesse sentido, propõe-se reflexão sobre os avanços e os obstáculos para a implementação dessa diretriz, com base na análise da literatura especializada, da legislação educacional e da matriz curricular dos cursos de licenciatura em História oferecidos pelas universidades públicas da região Nordeste do Brasil.

## MEMORIAS E PRÁTICAS DO CONSELHO ESCOLAR INDÍGENA NO TOCANTINS

Adriana da Costa Pereira Aguiar, PPGE/SEDUC, Tocantins, Brasil

O Conselho Escolar Indígena no Tocantins tem desempenhado um papel fundamental na gestão democrática e na promoção de uma educação intercultural nas escolas indígenas do estado. Este estudo aborda as memórias e práticas do conselho, destacando seu papel na construção de políticas educacionais mais inclusivas e adaptadas às especificidades culturais das comunidades indígenas. O Conselho atua como um espaço de diálogo entre os gestores escolares, líderes indígenas, professores e a comunidade, buscando integrar saberes tradicionais aos currículos escolares e garantir o direito à educação diferenciada. Por meio de um processo participativo, o conselho contribui para fortalecer a autonomia das escolas indígenas, promover o respeito às línguas nativas e valorizar as práticas pedagógicas baseadas nos conhecimentos ancestrais. Além disso, o estudo revela os desafios enfrentados pelo Conselho, como a falta de recursos, a necessidade de formação continuada para os conselheiros e o enfrentamento de barreiras institucionais. A pesquisa reforça a importância de fortalecer o Conselho Escolar Indígena como um ator estratégico na construção de uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural e a identidade dos povos indígenas no Tocantins, garantindo assim o protagonismo dessas comunidades no desenvolvimento de práticas educacionais que sejam culturalmente relevantes, sustentáveis e peculiares para a preservação de suas tradições, línguas e modos de vida.

## **SESSÃO 9: PRÁTICAS CULTURAIS INDÍGENAS, NATUREZA E ANCESTRALIDADE**

### ANIMAIS NA ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA DA AMAZÔNIA

Patrícia Isabel Lontro Marder Vieira, CES, Universidade de Coimbra, Portugal

Os animais são centrais para as cosmologias indígenas amazônicas e para práticas como o xamanismo e são frequentemente considerados aliados, inimigos, professores e até mesmo membros de uma família estendida que compõe a sociabilidade da floresta tropical. Esta palestra examina a inscrição de animais na arte indígena contemporânea da Amazônia e analisa os vários modos de articulação da vida animal dentro das produções culturais humanas.

## HISTÓRIA AMBIENTAL DOS CULTIVARES DE MILHO CRIOULO INDÍGENA NO BRASIL: EM BUSCA DO PROTAGONISMO DOS POVOS ORIGINÁRIOS

José Otávio Aguiar, PPGH-UFG

A história escrita nos meios acadêmicos brasileiros, com frequência, omite o protagonismo dos povos originários no que tange ao cultivo e seleção, históricos e culturais, das espécies de milho chamadas "crioulas". No entanto, a importância, a nutritividade e o potencial terapêutico dessas espécies têm sido exaltados em artigos da área de medicina e nutrição, quando não de agronomia e engenharia de alimentos. Nessas origens a história indígena de seus cultivos e descendentes tem sido sistematicamente omitida. Nossa fala nessa ocasião terá como foco histórico a respeito da gênese dessa missão no sentido de dar protagonismo a esses sujeitos indígenas que, desde o passado, tem, atualmente, fortalecendo importante papel na apresentação e cultivo dessas sementes.

## LÁBIOS PERFURADOS, NO PASSADO E NO PRESENTE. USOS E REPRESENTAÇÕES DO BOTOQUE ENTRE OS POVOS INDÍGENAS: UM DIÁLOGO ENTRE ÁFRICA E AMÉRICA

Shauna La Tosky, University of Northern British Columbia (UNBC Canada)

Pascale de Robert, UMR PALOC, Institut de Recherche pour le Développement (IRD France)

Em seus empreendimentos coloniais, na América como na África, os europeus tentaram erradicar as práticas tradicionais de piercing por várias razões. Em duas sociedades autóctones no Brasil e na Etiópia, apresentamos as formas de fabricação e valorização dos botoques, tembetás e outros labrets através de histórias de vidas singulares onde a questão de usar ou não piercings é central. A perspectiva comparada mostra que liberdade, arte oratória e beleza são temas recorrentes entre os Mebêngôkre do Brasil, bem como os Mun da Etiópia quando evocam seus labrets. O tema dos lábios perfurados, recontextualizado na história desses povos, também nos permite enfocar questões de gênero, identidade e mudança socioambiental.

## RELEITURA DE VIDA DO POVO XERENTE: CLIMA, ÁGUA, CULTURA E MEMÓRIA

Jocyléia Santana dos Santos, PPGE/PGEDA, UFT, Brasil

A releitura de vida do povo Xerente propõe uma compreensão mais profunda de como os membros desta comunidade indígena interagem com o clima e a água, elementos fundamentais para sua sobrevivência e bem-estar cotidiano. Essa análise busca não apenas destacar as práticas de uso e gestão desses recursos naturais, mas também valorizar a cultura e a memória coletiva dos Xerente, elementos que moldam sua identidade e contribuem para a preservação de suas tradições. A água e o clima, além de componentes essenciais à subsistência, estão intrinsecamente ligados às práticas culturais e espirituais do povo Xerente servindo como símbolos de força e renovação dentro de suas tradições e rituais. Essa conexão evidencia uma visão holística do meio ambiente, onde a natureza é entendida não apenas como recurso material, mas também como um ser vivo com o qual é necessário estabelecer um equilíbrio respeitoso e sustentável. Essa perspectiva

reforça o papel da memória coletiva na transmissão de conhecimentos ancestrais, essenciais para a adaptação às mudanças climáticas e para a continuidade das práticas culturais no contexto contemporâneo.

## **Sessão 10 QUESTÕES AMBIENTAIS, COSMOLOGIA, SAÚDE E POVOS INDÍGENAS**

### **BAHSÉ AHPOSE: O DIÁLOGO COSMOPOLÍTICO COMO YUKËRI MAHSÃ NO ALTO VAUPÉS**

José Carlos Almeida Cruz, UFAM, Brasil

Bahsé ahpose - o diálogo cosmopolítico com os yuhkuri mahsã no alto Vaupés. Bahsé ahpose – significa restauração, reordenamento e/ou peças. O objetivo desta investigação é trazer uma reflexividade indígena desta prática intercultural que envolve o diálogo cosmopolítico e cosmotécnico intrassocial nos três espaços moradas dos wai-mahsã (seres mais que humanos) como os yuhkuri mahsã (gentes floresta) e os mahsã (gente). Os povos do Vaupés entendem que os ciclos solares, lunares e as constelações (muhipũ po'eri kumarĩ) configuram uma interconexão que influencia a vida dos povos no alto Vaupés, Terra indígena do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, nas paisagens etnográficas do noroeste da Amazônia brasileira. No cotidiano das aldeias percebe-se que o Kumu tu'o yã ukũni mahsũ), na ausência do Yaí yã uhuweé puhtisihtégu (Xamã), exerce o papel diplomático no trânsito nas 03 camadas mundos no diálogo diplomático. A relevância e potencial de inovação da investigação é que este diálogo envolve teoria e prática indígena na inter-relação com as florestas, o controle do fogo, da terra e seu bem ser produtivo. Portanto, a visão que conduz esta temática é a preocupação de como os mantêm ou mantêm as florestas indígenas em seu bem-estar saudável em suas práticas tradicionais? Como controlavam o fogo? Como manter a terra em sua forma saudável e produtiva? Apropriando-se do método antropológico ocidental, os fios condutores do registro são o descritivo-etnográfico. E na parte da ótica de transmissão de conhecimento indígena parte-se das indiretas orais do Kumu, das memórias e registros com uso de tecnologia. Assim sendo, o problema das mudanças climáticas atiza o reavivamento destas práticas adormecidas, porque os povos do Vaupés percebem que as épocas e ciclos das chuvas que controlam as vazantes, as cheias, os períodos de fartura e de escassez (de frutos, caca, pesca e outros) ocorrem fora de épocas e fora do controle e sem harmonia. A indagação final é: qual é a solução possível após perturbações de utilização das florestas e tudo que nela se compõe como vida: porque envolve a morada dos seres que exige um diálogo diplomático entre eles. Assim, pretendo trazer a descrição etnográfica do evento que envolve constelações e os oito diálogos de manejo tradicional de restauração, movimentos o bem-estar da floresta, terra e o plantio. Em suma, elucidar a prática cosmopolítica no território indígena e nos territórios de outros seres. Um construto epistemológico da reflexividade indígena dos povos da Amazônia do alto Vaupés, que envolve teoria e prática, frente às mudanças dos ciclos climáticos-constelações-florestais, que pode contribuir no diálogo de busca coletiva de soluções com outros povos do planeta Terra.



## GENOCÍDIO E MINERAÇÃO NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI: A NECROPOLÍTICA ENTRE 2018 E 2022 NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Antonio José Guimarães Brito, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil

Abaixo escreva o resumo da palestra que irá proferir na Portugal entre 15 e 20 linhas. Durante os anos de 2018 a 2022 a Terra Indígena Yanomami sofreu imensa expansão do garimpo e mineração em seu território, causando a contaminação pelo mercúrio dos principais rios e afluentes, o solo e peixes e com isso provocando a morte e a doença em milhares de indígenas do povo Yanomami. Além da crise humanitária na área da saúde pela contaminação da água e dos indígenas, tanto pelo mercúrio como pela malária, desnutrição, insegurança alimentar e a pandemia da COVID, o povo Yanomami sofreu a violência sexual contra mulheres e crianças exploradas pelos garimpeiros, assassinatos e total desamparado das políticas públicas do governo brasileiro, que inclusive defendia publicamente a livre mineração em terras indígenas. O povo Yanomami habita a fronteira entre Brasil e Venezuela somando-se mais de trinta mil indígenas. O decreto legal e homologação da Terra Indígena Yanomami se deu em 1982, porém a ocupação de milhares de garimpeiros ilegais em suas terras aumentou de forma drástica e severa entre os anos de 2018 e 2022. Denúncias por parte de organizações do povo Yanomami foram feitas sobre a morte de centenas de crianças desnutridas e a violência sexual contra meninas yanomami, como também a presença do crime organizado e tráfico de mulheres, armas, ouro e drogas, o que se chama de "narcogarimpo". A Necropolítica é a seleção de grupos sociais que devem ser exterminados, trata-se da política da morte, planejada e organizada com fins de genocídio. O povo Yanomami é vítima do genocídio de Estado e das forças do crime organizado.

### ‘QUANTO AOS DA PESCA DAS BALEIAS, SE NÃO VÊ UM BRANCO’: ESCRAVIZADOS E INDÍGENAS NA HISTÓRIA DA BALEAÇÃO DO BRASIL

Nina Vieira, CHAM – Centro de Humanidades, NOVA FCSH

Para o desempenho das funções de desmanchar a baleia e frigar a sua gordura em óleo, numa armação baleeira no Brasil dos séculos XVII e XVIII, operavam negros escravizados. Ocasionalmente, “índios” fizeram também parte da ‘Lista de pessoas que se aplicaram na safra das baleias’. Para além de retalhar um animal de mais de 20 toneladas e de o queimar nas altas temperaturas dos fornos a lenha, sofrendo inúmeras lesões e habitando uma atmosfera suja e tóxica, esta mão de obra (tal como de africanos escravizados nos engenhos de açúcar) era alimentada com a sua carne. Através de uma revisão bibliográfica de estudos arqueológicos e da consulta e análise de documentação histórica escrita e iconográfica, este trabalho pretende resgatar os diferentes agentes humanos – africanos, ameríndios e europeus – e não humanos – as baleias. Assumindo uma visão abrangente sobre o tema, pelas lentes da história ambiental e da história dos animais, serão abordados aspetos relacionados com apropriação, percepção, práticas e consumos, bem como relações de desperdício e de toxicidade.

## OS TERRITÓRIOS YANOMAMI, WAI WAI, MACUXI E WAPICHANA: A DEFESA DA NATUREZA CONTRA A CRISE CLIMÁTICA

Ananda Machado, PGEDA, Universidade Federal de Roraima

Os territórios Yanomami, Wai Wai, Macuxi e Wapichana são biodiversos e os dois primeiros são as áreas de floresta mais preservadas em Roraima. Esses povos usam suas línguas e conhecimentos para se comunicarem com todos os que vivem em suas Terras Indígenas. As organizações indígenas, as escolas e as lideranças lutam em defesa da natureza contribuindo para minimizar a crise climática. Mas há invasões garimpeiras, madeireiras, extração de concessão territorial, aliciamento e exploração do trabalho indígena. Houve casos de biopirataria como o do cunani Wapichana. O Conselho Indígena de Roraima protagoniza há anos discussões sobre as mudanças climáticas e seus impactos nas vidas indígenas. Buscamos como fazer para construir o bem viver mesmo diante da crise climática. Iniciativas de reflorestamento estão em andamento, desenvolvendo contra o uso de sementes geneticamente modificadas, de monoculturas nas Terras Indígenas contrapõem projetos estatais e do agronegócio que avançam no entorno das Terras Indígenas, sobretudo nas demarcadas em ilhas, com fazendas por todos os lados. Os Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAS) e os protocolos de consulta foram elaborados no coletivo e merecem ser implementados para intensificar a mobilização para enfrentar a crise climática.

## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E AMBIENTAL DA HISTÓRIA HUMANA DA VIDA MARINHA DO POVO POTIGUARA ENTRE PASSADO E PRESENTE

Juciene Ricarte Cardoso, Tarairiú CHAM/UNL,  
PT/PPGH-UFCG/ PPGE-UFT, Brasil

O projeto que estou desenvolvendo no Pós-Doutorado Sênior no Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa objetiva, analisar as fontes documentais manuscritas entre os séculos XVI ao XIX, encerradas nos arquivos portugueses e brasileiros que tratam da história humana da vida marinha dos Potiguara no passado e no presente. Destacando a pesca marinha e os usos das plantas, conectadas com o bioma Mata Atlântica secularmente ressignificado nos saberes culturais e educacionais ancestrais desse grupo étnico do estado da Paraíba, Brasil. Descrever aspectos da pesca ancestral do povo Potiguara registrada nas fontes documentais dos arquivos europeus entre os séculos XVI e XIX e nas suas cosmologias de modo a levantar diferentes saberes relacionados ao mar inerentes à atividade pesqueira indígena que são ressignificadas atualmente nas disciplinas escolares enquanto saberes ancestrais. Através das fontes documentais arquivísticas e orais, prescrutar as ressignificações dos Potiguara sobre o passado colonial e como reinterpretam as territorialidades simbólicas que sofreram nos processos das primeiras relações interétnicas com os não-indígenas a saber: os processos de sobrevivência e resistências enquanto grupo étnico marinho, impactos ambientais e práticas ancestrais de sustentabilidades junto ao oceano Atlântico no passado e no presente e como essas temáticas são trabalhadas nas escolas indígenas das aldeias que fazem parte da Baía da Traição, Paraíba, Brasil. Elaborar vocabulário de termos relacionados aos saberes do mar e no uso das plantas da Mata Atlântica

criados pelos Potiguaras há mais de 500 anos antes e pós-contato com os não-indígenas e que permanecem, ou não, nas relações com as suas práticas culturais/espirituais e socioambientais na educação indígena e educação escolar indígena.

## **CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO: TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL: GESTÃO AMBIENTAL E TERRITORIAL (1988-2012)**

Paulo Henrique Martinez, Universidade Estadual Paulista, UNESP/Assis, Brasil

Na Constituição Federal do Brasil a definição de políticas públicas nacionais para as áreas e as populações indígenas, a partir de outubro de 1988, culminando em 2012. Neste ano, a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas (PNGATTI) distribuiu diretrizes para a promoção de identidades étnicas, de seus territórios ancestrais e ocupados, da história e das culturas indígenas, na atualidade. Interrompida durante quase uma década, somente em 2024, a Política Nacional foi retomada. Em conjuntura política e adversária social, com conflitos regionais abertos e latentes, em diferentes e localidades no Brasil, os protestos, reivindicações, práticas excepcionais de resistência, a morte de manifestantes e o assassinato de lideranças indígenas, se tornaram recorrentes. A remoção de recursos naturais - florestais e minerais - atividades econômicas, como pastagens, barragens em rios, assentamentos de não indígenas, uso de máquinas e equipamentos pesados em áreas de preservação ambiental e de Terras Indígenas, são agravantes de novos e antigos confrontos. A retomada da PNGATTI, nos termos propostos, em 2012, poderá reverter o quadro de devastação humana, social, cultural e ambiental, que adotou ritmos e intensidade aceleradas, violentas e coordenadas, sob a ação do grande capital agrário e do narcotráfico, em diferentes pontos do território nacional?